

Soro é o melhor remédio contra a diarreia

Método ainda é o mais seguro para evitar a desidratação infantil causada pela doença

LÍGIA FORMENTI

A Secretaria de Vigilância Sanitária declarou guerra aos antidiarréicos de uso pediátrico. Considerados indispensáveis nas farmácias domésticas, eles são acusados de causar efeitos colaterais, entre os quais complicações neurológicas, cegueira e até mesmo a morte. Setenta e cinco dessas drogas já tiveram seu uso infantil proibido por portaria publicada no *Diário Oficial da União*, dia 14 de setembro.

A medida, no entanto, não deixa as crianças suscetíveis às complicações da diarreia, como a desidratação. Há recursos simples e baratos para enfrentar o problema, que não provocam nenhum tipo de efeito colateral. A melhor forma de combater a diarreia aguda, afirma o presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, Mario Santoro Júnior, ainda é o soro de reidratação oral. "Essa é uma das maiores descobertas do século", afirma. Por meio desse recurso simples, é possível repor a água e os sais minerais perdidos na diarreia aguda.

Encontrado em postos de saúde e em farmácias, o soro oral deve ser oferecido à criança depois de ser dissolvido em um litro de água. O líquido não pode ser dado em mamadeira. "Com a diarreia, a criança sente muita sede, e se ingerir rapidamente o soro por mamadeira depois vomita tudo", conta a gastroenterologista pediátrica, Sônia Regina Testa Silva, do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas. Para evitar que isso ocorra, é preciso dar o preparado às colheradas. "O ideal é oferecer a mistura depois de cada evacuação." Segundo ela, não é preciso forçar a criança a ingerir o soro. Quando não houver mais necessidade, a criança vai desprezar o preparado.

A proibição dos antidiarréicos foi uma medida acertada", afirma Sônia. Entre as drogas proibidas estão as que contêm ópio ou derivados sintéticos, anticolinérgicos, sais de magnésio, cálcio e alumínio. Os medicamentos da lista, garante a médica, podem produzir sedação, depressão e distensão abdominal. Além dos efeitos colaterais, completa, as drogas condenadas não são eficazes.

Sônia explica que alguns dos medicamentos inibem o movimento peristáltico do intestino, provocando a diminuição do número de evacuações. "Isso, no entanto, não significa melhora do paciente." Segundo a gastroenterologista, o mecanismo pode até mesmo piorar a infecção. "A interrupção forçada da evacuação facilita a proliferação dos microrganismos e, em consequência, prolonga a infecção." Sônia acrescenta que há relatos de morte de crianças por infecção generalizada. "O microrganismo penetra na circulação e afeta os demais órgãos."

Essa versão, no entanto, é contestada pelo professor de gastroenterologia da Escola Paulista de Medicina Sander Miszputen. "Há muita discussão sobre a eliminação das toxinas das bactérias pela evacuação", afirma. Segundo o professor, as infecções generalizadas são provocadas não pelo número menor de evacuações, mas pela virulência do microrganismo.

Cosméticos — O carvão ativado e caolin-pectina também foram proibidos para uso pediátrico. Segundo Sônia, essas drogas têm apenas efeito "cosmético" sobre as fezes. "Elas aumentam a consistência do bolo fecal, dando a falsa impressão de que a diarreia foi eliminada." Constam na lista, ainda, os lactobacilos. "Eles não têm efeitos colaterais, mas não são eficazes e oneram o tratamento", diz Sônia.

A portaria da Secretaria de Vigilância Sanitária foi feita com base em um estudo, coordenado pelo presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria. "Reunimos 44 pesquisas, nacionais e do Exterior", diz Santoro Júnior. Os estudos, segundo ele, mostram a ineficácia dessas drogas para o combate da diarreia infantil e a existência de graves efeitos colaterais. Segundo Santoro Júnior, a maioria dos pediatras não receita esse tipo de medicamento para diarreias agudas infantis. "As mães são as principais responsáveis pelo uso dessas drogas", afirma. Sônia confirma. Um levantamento feito no Hospital Municipal Menino Jesus mostrou que, das crianças com diarreia atendidas, 15% procuraram os serviços já medicadas com antidiarréicos. "Desse total, somente 20% haviam sido prescritos por médicos."

O consultor da seção de Saúde do "Estado" é o cardiologista Wagner Ibraim do Instituto do Coração